



REPRESENTAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DA ÍNDIA EM O ÚLTIMO VICE-REI

REPRESENTATION OF THE INDIAN INDEPENDENCE IN VICEROY'S HOUSE

Jéssica Daiane Levandovski Thewes*

Universidade Feevale

 <https://orcid.org/0000-0003-3513-5610>
jessica.levandovski@yahoo.es

Juracy Ignez Assmann Saraiva**

Universidade Feevale

 <https://orcid.org/0000-0003-1783-2850>
juracy@feevale.br

RESUMO: Este artigo analisa a narrativa fílmica *O último vice-rei*, identifica e descreve representações simbólicas das identidades hinduísta e muçulmana e a relação desses povos, mediada pela liderança britânica, no período de independência da Índia. A análise de cenas explicita essa relação, ancorada nos conceitos de cultura e de representação. O artigo conclui que a narrativa é concebida como uma das representações possíveis dos conflitos, vivenciados na Índia pós-guerra, evidencia conflitos étnicos e territoriais indianos e considera que o ato de recepção deve se distanciar de um discurso homogêneo para legitimar a pluralidade de pontos de vista.

PALAVRAS-CHAVE: *O último vice-rei*; representação; manifestações culturais; conflitos étnicos.

ABSTRACT: The article analyses the film narrative *Viceroy's House*, identifies and describes symbolic representations of Hindu and Arabic identities, and the relation between these two peoples, mediated by

* Bolsista do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE/CAPES) em Estudos da Literatura e da Cultura (Universidade de Santiago de Compostela, Espanha). Doutoranda em Processos e Manifestações Culturais (Universidade Feevale), com apoio Capes. Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), com apoio Capes.

** Doutora em Teoria Literária, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorado em Teoria Literária, na Universidade Estadual de Campinas.. É professora e pesquisadora na Universidade Feevale, em Novo Hamburgo. Atua como professora convidada no Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É Bolsista de Produtividade em Pesquisa, Nível 2, do CNPq.

the British leadership during the Indian independence. An analysis of scenes makes the relationship explicit based on concepts of culture and representation. We found that the narrative is understood as one of the possible representations of the conflicts experienced in post-war India, evinces Indian ethnic and territorial conflicts, and considers that the reception act must distance itself from a homogeneous discourse to legitimize a plurality of viewpoints.

KEYWORDS: *Viceroy's House*; representation; cultural manifestations; ethnic conflict.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura é o artefato que projeta, diante dos olhos de seus leitores, realidades inexprimíveis do contexto de colonização. Ela é a voz daquele que tem sua identidade suprimida, esfacelada e que não pode expressar suas palavras em seu próprio território. Entretanto, essas palavras ganham vida no texto literário e passam a representar, de modo implícito, sua identidade, enquanto sujeito colonizado.

A esse respeito, Fanon, referindo-se à colonização e seus efeitos devastadores, afirma:



www.revistafenix.pro.br

[...] um grande número de homens e mulheres que, antes, nunca teriam pensado em fazer uma obra literária, agora que se encontram em situações excepcionais, na prisão, na resistência ou na véspera de sua execução, sentem a necessidade de dizer a sua nação, de compor a frase que expressa o povo, de tornar-se porta-voz de uma nova realidade em atos (FANON, 1968, p. 185).

As tensões existentes devido à diversidade que se concentra nos movimentos de colonização não impedem a abertura de caminhos para a troca cultural entre diferentes povos. Ainda que haja a imposição da cultura do sujeito colonizador e que, em alguns casos, haja a valorização dela pelo sujeito colonizado, Fanon (1968) assevera que essa nunca será uma relação amistosa. Para ele, o colonizador será sempre visto como inimigo e contra ele manifestam-se os oprimidos, valendo-se da arte literária.

Atualmente, além da literatura, outros artefatos culturais, como o cinema, o teatro, ocupam-se de traduzir embates históricos, seguidamente

permeados por um romance capaz de seduzir o receptor. Embora sejam fictícias, essas obras são meios para dar visibilidade e despertar reflexões sobre conflitos presentes em contextos de colonização. Entretanto, é necessário ter presente o distanciamento que existe entre ficção e realidade nessas representações, visto que a compreensão de seu papel de denúncia depende de sua recepção.

Em relação à recepção de produtos culturais, em especial, os midiáticos, autores como José Luiz dos Santos e Stuart Hall, em 1987 e 1997, respectivamente, já problematizavam seu direcionamento hegemônico. Por isso, segundo eles, os discursos preconizados pela mídia, constituídos de posicionamentos ideológicos e intencionalidades pré-estabelecidas, refletem sérios descolamentos culturais.

Nesse sentido, focaliza-se a necessidade de posicionamento crítico em relação aos múltiplos discursos que emergiram, juntamente com as transformações globais, e tornaram mais acessíveis a mídia e a tecnologia. A recepção desses, portanto, não deve ser aceita como verdade inquestionável, mas sim como verdade a ser questionada, pois cada discurso pode trazer consigo o recorte de uma realidade e ser manipulado de acordo com a intencionalidade do enunciador. Conseqüentemente, o receptor não deve ser passivo diante da produção discursiva.

No escopo dessa problemática, estão as representações feitas pelas narrativas fílmicas, principalmente as que retratam fatos históricos que, frequentemente, estão em evidência e ganham notoriedade, sobretudo as denominadas “histórias baseadas em fatos reais”. Embora essas produções não sejam reconhecidas como documentos históricos, difundem uma percepção sobre a realidade em foco.

Em vista disso, outro fator a ser considerado é que o cinema ampliou, consideravelmente, seu alcance, mediante as inovações técnicas que passaram a contribuir para despertar a emoção e a curiosidade de seus espectadores

(FELIPE, TERUYA, 2015), o que ratifica a necessidade de fomentar o posicionamento crítico em sua recepção.

A partir dessas ponderações, desenha-se o objeto investigado no presente estudo: a narrativa fílmica intitulada *O último vice-rei* (2017). Ela se concentra no processo de ruptura do império britânico na Índia, marcada pela divisão do país. Entretanto, um estabelecimento de fronteira não sinaliza apenas uma mudança geográfica, mas também inúmeras implicações culturais para hinduístas e muçulmanos, já afetados pela subserviência – um em relação ao outro – e ambos em relação aos britânicos.

Diante disso, questiona-se: Como é representada a relação de coexistência entre hinduístas e muçulmanos no processo de independência da Índia do Império Britânico, ocorrido em 1947, em *O último vice-rei*? Busca-se, por meio desta análise, identificar e descrever representações simbólicas das identidades hinduística e muçulmana, trazidas pela narrativa fílmica, e como esses povos se relacionavam, mediados pela liderança britânica, com o intuito de também considerar suas especificidades. Depois de breve síntese da produção em foco, o artigo apresenta concepções de cultura e de representação e desenvolve a discussão, com base nas perspectivas teóricas delineadas e em cenas da narrativa fílmica, sobre a forma de convivência desses povos.

O estudo estimula reflexões acerca da diversidade cultural presente em espaços sociais comuns, amplia a compreensão de conflitos políticos da atualidade e ressalta a importância do posicionamento crítico frente a representações fílmicas, ainda que este texto não adentre na problematização da veracidade dos fatos apresentados.

O ÚLTIMO VICE-REI: UMA LEITURA DA INDEPENDÊNCIA DA ÍNDIA

Em 1947, Lord Mountbatten, um aristocrata inglês, chega à Índia, acompanhado de sua esposa, Edwina, e sua filha mais nova, Pamela, com o

desafio de mediar os diferentes conflitos religiosos aí existentes e direcionar a convivência desses grupos, no processo de independência do país. Para tanto, Mountbatten toma conhecimento da intensidade dos conflitos que vêm ocorrendo e passa a dialogar e negociar com as principais lideranças indianas. Para defender os interesses dos muçulmanos, o líder Muhammad Ali Jinnah luta pela criação de um estado independente da Índia, o Paquistão; já do lado dos hinduístas, está Jawaharlal Nehru, cujos interesses estão inclinados ao estabelecimento de uma nação única, sem divisões, após a independência.

Esse é o drama histórico narrado em *O último vice-rei*, sob a direção de Gurinder Chadha, diretora de cinema britânica e neta de refugiada paquistanesa, a qual sobreviveu à divisão da Índia, assim como seus filhos, com exceção de uma filha, que morreu de fome no percurso entre o Paquistão e a Índia.

O palácio é o espaço central do filme, onde fica explícita a realidade vivenciada por diferentes correntes religiosas, representadas pelos mais de 500 trabalhadores que vivem no andar inferior do prédio. Em suas atividades cotidianas, hinduístas, muçulmanos e sikhs expressam suas diferenças étnicas, raízes de conflitos que, no palácio, são controlados pelos “superiores”, oficiais do exército britânico. Entretanto, o mesmo não acontece de seus muros para fora. Diariamente, notícias de verdadeiras devastações, em diferentes locais da Índia, chegam ao palácio, o que leva Mountbatten a apressar a decisão sobre a independência da Índia, junto aos líderes locais.

Lançada mundialmente no ano de 2017, essa narrativa é permeada pelo relacionamento amoroso entre a jovem muçulmana Aalia e o hinduísta Jeet Kumar – uma relação atravessada por conflitos identitários. A produção torna pública uma situação política sofrida no período Pós-Segunda Guerra, que se estende aos dias atuais, principalmente pela disputa da região da Caxemira, situada entre a Índia e o Paquistão. O filme proporciona ao espectador uma visão muito próxima da realidade, a exemplo da representação do vice-rei e de

sua esposa, cuja figurativização é bastante fiel a sua identidade sociohistórica. Além disso, a narrativa foi gravada em alguns locais históricos onde os eventos de fato aconteceram.

CULTURA E REPRESENTAÇÃO

Morin (2000, p. 56) enfatiza que “não há sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular”. A percepção humana, ainda que limitada, pode captar que cada sujeito é, em meio a muitos, apenas um. Todos têm uma história, constituída no âmbito individual e social. E todos fazem parte de uma realidade cultural, possuem costumes, valores, princípios que regem o ser e estar no mundo.

Para Laraia (2001, p. 9), “[...] as diferenças de comportamento entre os homens não podem ser explicadas através das diversidades somatológicas ou mesológicas”, não são biológica ou naturalmente determinadas, ainda que essas características também exerçam influência sobre o sujeito. Por vezes, a realidade do “eu” entra em conflito com a realidade do outro e, quando isso acontece, ele pode mergulhar em um movimento recíproco de afirmação e/ou transformação de sua própria identidade.

Santos (1987) salienta que contatos e conflitos entre diferentes culturas marcam o desenvolvimento da humanidade. É necessário conhecer as realidades culturais, que são performadas por uma lógica interna específica (SANTOS, 1987; LARAIA, 2001). Morin (2000) afirma o quanto pode ser enriquecedor o contato entre culturas – a assimilação de uma pela outra. Por outro lado, também destaca o efeito destruidor da dominação, que oculta os preciosos tesouros da diversidade cultural.

O contato com diferentes realidades culturais significa mergulhar em um mar de símbolos que compõe cada identidade, a qual, por sua vez, é marcada pela diferença, seja por hábitos comportamentais, opções de

vestimenta, atos religiosos – cada um desses símbolos e escolhas integram um discurso, comunicam algo sobre o sujeito e, juntos, formam sua identidade. À vista disso, Woodward (2012) salienta que algumas diferenças, como as de grupos étnicos, eventualmente recebem maior atenção do que outras, especialmente em lugares e momentos específicos. Ademais, a autora atenta para perspectivas essencialistas e não essencialistas de identidade, sendo a primeira alusiva à existência de características partilhadas e que não se alteram ao longo do tempo, e a segunda, voltada à dinamicidade da identidade, enfocando tanto as diferenças como as características comuns ou partilhadas (WOODWARD, 2012). Essa segunda vertente permitiria, por exemplo, identificar e refletir sobre as mudanças identitárias de um povo ao longo dos séculos a partir de seus diferentes sistemas simbólicos.

Na continuidade dessas reflexões, Santos (1987) destaca a necessidade de conhecer a realidade cultural em seu caráter complexo, em que cada característica se forma de modo muito singular. Entretanto, Laraia (2001, p. 87) afirma que “a tendência mais comum é de considerar lógico apenas o próprio sistema e atribuir aos demais um alto grau de irracionalismo” e, conseqüentemente, a negação. Essa negação cultural é comumente explícita nos processos de colonização, onde há relações impostas de poder.

A título de exemplo, Alfredo Bosi, em *Dialética da colonização* (1992), retrata o processo de aculturação pelo qual passaram indígenas e africanos com a chegada dos portugueses no Brasil, para quem aqueles eram “selvagens” e “povos desprovidos de cultura”. A colonização brasileira foi, portanto, um processo marcado pela imposição da cultura portuguesa, em que indígenas foram letrados e catequisados, contra sua vontade, e em que africanos, explorados como mão-de-obra escrava, tiveram suas línguas e culturas de origem reprimidas pela violência do regime colonial. Os portugueses, por sua vez, incorporaram dos seus colonizados apenas os bens materiais e culturais que lhes davam sumo gosto tomar para si, os quais foram “a força do seu braço,

o corpo de suas mulheres, as suas receitas bem-sucedidas de plantar e cozer e, por extensão, os seus expedientes rústicos, logo indispensáveis, de sobrevivência” (BOSI, 1992, p. 28).

Para receberem instrução, conforme estabelecido pelo colonizador, esses povos “selvagens” necessitaram compreensão para conseguirem se comunicar e aprender a língua e a linguagem do seu colonizador – era necessária uma ponte entre as culturas. Inevitavelmente, há choques culturais e influência mútua na coexistência de povos tão diferentes, entretanto, uma cultura sempre sobressai em relação a outra. Assim, para tomar para si os bens dos colonizados, atitudes bárbaras bastavam, mas para fazê-los entender e incorporar a cultura portuguesa, sua língua precisava ser compreendida, caso contrário, não seria possível “catequizá-los” e direcionar seu comportamento. Foi necessário, no processo de colonização, olhar para as especificidades linguísticas e culturais dos indígenas e, de alguma forma, contemplá-las para que a comunicação entre povos tão distintos fosse possível.

A *cultura* se manifesta e é construída nos e pelos discursos produzidos e negociados no âmbito social por meio da linguagem; distancia-se de uma concepção restrita que relaciona e contrapõe a cultura da classe alta e da classe popular e aproxima-se de uma visão antropológica, em que cultura abarca as especificidades de um povo (SANTOS, 1987; HALL, 2016), de um grupo social, refere-se a tudo que diz respeito ao modo de vida. Acrescenta-se, nessa direção, que o termo remete também aos valores compartilhados, apresentando maior ênfase sociológica (HALL, 2016). Ademais, conforme Bentz (2013), cultura remete ao conjunto das produções humanas ou conjunto dos modos de vida de uma sociedade em suas diferentes manifestações.

Esses apontamentos refletem a importância de discorrer sobre a concepção de cultura para a interpretação da realidade e dos comportamentos. À vista disso, destaca-se que, na contemporaneidade, ela é demarcada por mudanças que tornaram as sociedades mais complexas, tecnológicas e

dinâmicas, que exigem novas formas de pensar, agir e conviver. A cultura é, portanto, essencialmente semiótica e dinâmica. Constitui-se de diferentes sistemas simbólicos (LARAIA, 2001), por meio dos quais o ser humano produz significados que precisam ser identificados e interpretados.

Nesse sentido, Kirchof (2010), nas palavras de Lotman, assevera que os parâmetros essenciais da cultura se edificam sobre sua relação com a língua natural, sendo este seu sistema primário. Por outro lado, atenta para o fato de ela ser constituída também de outros sistemas, dentre os quais estão a religião, as artes, as ciências, o folclore etc., denominados sistemas secundários, os quais não veiculam as informações de forma neutra. Cultura é, portanto, “tudo o que caracteriza uma população humana” (SANTOS, 1987, p. 19).

Hall (1997a), ratificando o que foi apontado por Santos (1987) acerca dos mecanismos culturais, afirma que a mídia preconiza discursos e posicionamentos ideológicos que instituem representações culturais hegemônicas, “apagando as particularidades e diferenças locais e produzindo, em seu lugar, uma 'cultura mundial'” (HALL, 1997a, p. 18). Assim, ao mesmo tempo em que mudanças globais provocam rápidas mudanças sociais, ocorrem sérios descolamentos culturais (HALL, 1997a), que perpetuam na atualidade. A título de exemplo, apresenta-se o cinema como um dos recursos de mídia que modela opiniões e desperta as pessoas para o pensamento da própria identidade, cujo significado cultural “é sempre constituído no contexto em que é visto e/ou é produzido” (FELIPE, TERUYA, 2015, p. 103). O cinema é uma arte que carrega consigo modelos de comportamentos e indica posicionamentos a serem seguidos.

Sendo assim, com vista a distanciar-se da produção de uma cultura hegemônica, que sufoca a diversidade cultural, assevera-se a necessidade de uma postura crítica frente a tais representações, em especial as midiáticas. Observa-se que a *representação* consiste em usar a linguagem para dizer algo de forma significativa para outras pessoas; é descrever ou retratar algo, evocando-

o na mente pela descrição ou pela imaginação; a representação é, portanto, parte essencial do processo pelo qual o significado é produzido e negociado entre membros de uma cultura (HALL, 1997b). Além disso, “inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito” e é “compreendida como um processo cultural” que direciona identidades individuais e coletivas (WOODWARD, 2012, p. 18).

Destaca-se ainda que, apesar de cada sujeito provavelmente entender e interpretar o mundo de uma forma única e individual, todos são capazes de se comunicar porque compartilham amplamente os mesmos mapas conceituais, o que possibilita a interpretação do mundo de maneiras mais ou menos semelhantes – isso significa pertencer à mesma cultura (HALL, 1997b).

Por fim, vale destacar que as representações podem refletir um recorte da realidade, realizado, muitas vezes, a partir do ponto de vista de um único observador que possui suas vivências e experiências, sua leitura sobre os fatos e, sobretudo, sua intencionalidade de produção.

CULTURAS EM CONFLITO

O objeto em foco nesta discussão, conforme apresentado, consiste na análise de recortes da narrativa fílmica *O último vice-rei*, com a finalidade de descrever as representações imagéticas dos hinduístas e muçulmanos, trazidas pela narrativa, e como esses povos se relacionavam na Índia, mediados pela liderança britânica, considerando suas especificidades. Destaca-se que a escolha foi motivada pelas características da produção que mostra sua potencialidade para refletir sobre a coexistência da diversidade cultural, bem como sobre os conflitos políticos da atualidade e sua representação pela mídia. A produção é embebida de elementos simbólicos que direcionam a representação verossímil do drama histórico proposta pelo filme.

Mediante as considerações de Felipe e Teruya (2015) a respeito das produções cinematográficas, é importante destacar que a narrativa não se constitui como documento histórico, mas como uma leitura dos fatos realizada pelo ponto de vista de um observador, neste caso, a diretora Gurinder Chadha, neta de uma refugiada paquistanesa que sofreu com a divisão de seu país no processo de independência. Sua ancestralidade pode justificar a inclinação a tornar evidentes os conflitos que permeiam a história da Índia, país no qual, afirma a diretora, nascida no Quênia, estaria sua origem de coração.

Desde o início da narrativa, marcada pela chegada de Lord Mountbatten e sua família ao palácio, em Nova Delhi, é notável o efeito do domínio britânico sobre os hinduístas e os muçulmanos, que dividem o mesmo espaço. Ambos os grupos são apresentados de uma forma coesa, unida, ao espectador: um contingente de aproximadamente 500 trabalhadores, que se ocupam de manter o palácio com primazia e atender a todas as necessidades da família real. Por esse viés, percebe-se que, nessa condição, os diferentes sujeitos são vistos, aos olhos de seus “superiores” de forma homogênea, seja por suas vestes ou pelo comportamento – deveriam seguir padrões, conforme representado na Figura 1.

Figura 1. Chegada da família real ao palácio



Fonte: O ÚLTIMO VICE-REI. Direção: Gurinder Chadha. 2017.

Ao observar a Figura 1, nota-se a organização do ritual de chegada da família real ao palácio, executado pelos trabalhadores indianos, que se encontram divididos em grupos, de acordo com suas funções específicas, pré-determinadas e ensaiadas. Essa divisão é percebida para além da separação espacial dos grupos, bem como por sua indumentária e comportamento. Os grupos são orquestrados pela liderança britânica, que supervisiona cada setor e evento no palácio, sendo a recepção do vice-rei um dos acontecimentos mais importantes do momento. A relação de poder é expressa, nessa imagem, a começar pelo ângulo de captação da cena (de cima para baixo), que evidencia o escalonamento das personagens, sendo o vice-rei focalizado à frente da cena e os trabalhadores às suas costas. A superioridade britânica também é marca da cena subsequente, representada pela Figura 2.

Figura 2. Família real se direciona ao palácio



Fonte: O ÚLTIMO VICE-REI. Direção: Gurinder Chadha. 2017.

Em comparação com a cena anterior, observa-se a mudança de ângulo da câmera (de baixo para cima) em favor da representação do vice-rei, cuja soberania é ressaltada novamente, ao ser seguido por sua esposa Edwina. Outro ponto a ser considerado é a vestimenta de Mountbatten, composta, dentre outros adereços, pelas medalhas conquistadas e pela estrela da ordem, que marcam sua distinção e carregam o significado de seu papel social – uma forma

de representar a história daquele que chega a um território devastado por guerras para tratar dos interesses da colônia indiana.

Identificar essas representações é o ponto de partida para pensar os aspectos que, na narrativa, impactam nas culturas de hinduístas e muçulmanos. Se, por um lado – dentro do palácio – a tentativa era de homogeneizá-los, de outro – para além desses muros – havia características que os distinguem uns dos outros e estes dos britânicos. As diferenças eram expressamente demarcadas, indicando o afastamento desses dois povos entre si, em especial, por suas filiações religiosas, as quais, para muitos, tornavam impossíveis relações mais estreitas. Logo de início, essa questão é explicitada na cena de reencontro entre os jovens Aalia e Kumar, apresentado pelas imagens 3 e 4.

Figura 3. Reencontro de Kumar e Aalia - Parte I



Fonte: O ÚLTIMO VICE-REI. Direção: Gurinder Chadha. 2017.

Ambos são empregados para trabalhar no palácio e, na condição de recém-chegados, ao se reencontrarem, depois de passado algum tempo da prisão do pai de Aalia, a quem Kumar, enquanto policial, tinha dado assistência, não conseguem, de imediato, seguir os padrões comportamentais ordenados pelos nobres a que servem. Mesmo depois de o serviçal Duleep Singh, a quem Kumar conhece desde a infância, orientá-lo a respeito da existência do protocolo de fazer “posição de sentido enquanto as mulheres

passam”, Kumar não contém seu olhar ao se deparar com Aalia, por quem é correspondido, conforme ilustra a cena seguinte.

Figura 4. Reencontro de Kumar e Aalia -Parte II



Fonte: O ÚLTIMO VICE-REI. Direção: Gurinder Chadha. 2017.

Percebe-se, nessas e em outras cenas da narrativa voltadas ao romance de Kumar e Aalia, a representação do comportamento esperado, de afastamento, e das angústias sofridas pela proximidade dos jovens cujas correntes religiosas estão em guerra, como é possível identificar na Figura 5.

Figura 5. Dança de Kumar e Aalia em festividade indiana



Fonte: Adaptado de O ÚLTIMO VICE-REI. Direção: Gurinder Chadha. 2017.

A Figura 5 é composta por uma sequência de cenas que representam uma situação de conflito entre hinduístas e muçulmanos, em que o segundo grupo étnico não admite qualquer tipo de relação com o primeiro, sobretudo, uma proximidade entre um homem e uma mulher. Na ocasião, os jovens Aalia

e Kumar se encontram casualmente em um momento festivo na comunidade (ou “complexo de moradia”, como mencionado por Aalia), fora do palácio, e Kumar a convida para dançar, convite que é abruptamente interrompido por um muçulmano que não admite a proximidade. Entretanto, o parceiro de Kumar intervém, e os jovens se reaproximam. Essa situação traduz como os contatos e conflitos, sinalizados por Santos (1987), estão presentes nas realidades em que coexiste a diversidade cultural. Também evidencia-se a importância de conhecer a lógica interna de cada cultura, tanto para evitar conflitos, intermediar relações, quanto para motivar transformações dos diferentes povos, com o intuito de poderem dividir um mesmo espaço e estreitar laços.

No decorrer da narrativa, tornam-se transparentes elementos simbólicos significativos para ambas correntes religiosas, alguns já identificados. A seguir, menciona-se a cena que representa a *salá*, as cinco orações que todo muçulmano deve realizar diariamente, em determinados momentos do dia, em posições específicas. O ritual de orar voltado à Meca, cidade sagrada para os muçulmanos, é um hábito cultivado e praticado pelo pai de Aalia, conforme se reproduz na Figura 6.

Figura 6. Elementos simbólicos da religião muçulmana



Fonte: O ULTIMO VICE-REI. Direção: Gurinder Chadha. 2017.

A prática tem como principal objetivo demonstrar a adoração e a humildade diante de Deus. Além da oração, outra característica da religião muçulmana é eminente: a vestimenta de Aalia que, conforme sua tradição, em público, deve permitir apenas a exposição das mãos e do rosto da mulher. Em relação às diferenças culturais, outro ponto que pode ser destacado é relativo à forma com que essas particularidades são tratadas pelos britânicos. As descrições das cenas iniciais legitimam práticas de homogeneização executadas pela liderança do palácio, entretanto a representação do comportamento da família real parece não corroborar tais práticas, o que fica evidente, em especial, pelas ações de Edwina e Pamela, traduzidas nas imagens que seguem (Figura 7).

Figura 7. Edwina presente no espaço dos trabalhadores



Fonte: O ULTIMO VICE-REI. Direção: Gurinder Chadha. 2017.

A figura 7 contém a sequência de três cenas que compõem o início do diálogo entre Edwina e o chefe da cozinha palaciana. Novamente, pondera-se sobre a relevância de os indivíduos compreenderem a lógica de culturas distintas para que elas possam coexistir. A senhora Mountbatten, presente pela primeira vez no contexto dos trabalhadores, muito naturalmente, inicia a conversa com o chefe, cumprimentando-o. Edwina é correspondida por ele que, agindo também de forma natural, a cumprimenta. Ocorre que, nessa troca, cada um o faz a seu modo e, por fim, ela corresponde por meio da saudação dos indianos. A atitude inclusiva da vice-rainha é seguida de outra, quando ela

solicita ao chefe que passe a cozinhar a culinária indiana, composta de mais vegetais e menos carnes, adicionando a ela a culinária inglesa. Isso não é bem-visto pelo chefe que, em voz baixa e em sua língua, afirma ter passado a vida inteira aprendendo a culinária inglesa e renunciar a ela seria uma perda de tempo.

Seguindo os passos da mãe, a jovem Pamela demonstra grande preocupação com a realidade social do país, em especial pelos baixíssimos níveis de alfabetismo e pela expressiva mortalidade infantil, o que impulsiona suas ações. Observa-se, na Figura 8, que a postura corporal empática adotada por Pamela (sentada – portanto, mais próxima das crianças e abaixo da acompanhante Aaila, com as mãos relaxadas sobre os joelhos e um sorriso cordial no rosto), somada à fala “- Adoraria poder me comunicar melhor”, revela suas boas intenções.



Figura 8. Pamela leciona aos indianos



Fonte: O ULTIMO VICE-REI. Direção: Gurinder Chadha. 2017.

A cena da Figura 8 expressa o desejo de Pamela de aproximar-se de pequenos indianos, que é barrado por uma tentativa frustrada de ensinar-lhes o alfabeto para se comunicarem, visto que eles não compreendem sua língua, apenas se utilizam da repetição das palavras que lhes são ensinadas. Em resposta ao desejo de Pamela, Aaila sugere a ela que se apresente na língua deles. Ao fazê-lo, as crianças reagem positivamente com risos e Pamela parece

ver, nessa estratégia, uma comunicação mais frutífera. Essa representação reitera a necessidade de haver uma ponte entre as diferentes culturas para estabelecerem relação e se configura como mais um exemplo frustrado de aculturação em um país colonizado.

A distância entre a realidade da família real e a das famílias indianas, ao longo da narrativa, torna-se ainda mais evidente pelas recorrentes e cada vez maiores tentativas de aproximação de Edwina e Pamela dos indianos. Tais tentativas são reconhecidas por eles que, em diferentes momentos, afirmam nunca terem visto alguém da nobreza em seus espaços, ainda mais fora do palácio. A exemplo disso, apresenta-se, ainda, a Figura 9.

Figura 9. Aalia apresenta a comunidade à Pamela



Fonte: O ULTIMO VICE-REI. Direção: Gurinder Chadha. 2017.

A cena captada pela Figura 9, em que a garota diz: “- As casas são muito pequenas para uma família inteira”, é um exemplo do espanto de Pamela em relação à realidade vivenciada pelos indianos, causado, nesse momento, por se deparar com o tamanho limitado de suas casas. Tal condição é compatível com o contexto de moradia apresentado no palácio, em que mais de 500 trabalhadores dividem a parte inferior da construção, enquanto a parte superior é ocupada totalmente por alguns poucos soberanos, de origem britânica, e onde os indianos circulam somente para servi-los.

A representação de uma tentativa de aproximação da família real com as famílias indianas, construída ao longo de toda a narrativa, porém, é impactada pelo resultado do processo de independência, que resulta na separação do país em dois: Índia e Paquistão. Isso significa, para muitos indianos, a descrença no *último vice-rei*, a quem julgavam ser capaz de evitar o colapso da nação. A perspectiva apresentada nessa produção faz crer que Lord Mountbatten foi apenas um meio para se executar um projeto previamente desenhado por lideranças britânicas, sendo, durante toda sua estada na Índia, coagido a essa decisão.

A Figura 10 mostra o terror enfrentado por milhares de indianos que tiveram de realocar-se dentro dos espaços delimitados pelas novas configurações territoriais do país após sua independência do Império Britânico, o que resultou em mais de um milhão de refugiados, em situação de extrema miséria.



www.revistafenix.pro.br

Figura 10. Registro verídico de deslocamento em massa de indianos após noticiada a divisão do país



Fonte: O ÚLTIMO VICE-REI. Direção: Gurinder Chadha. 2017.

Essa Figura reflete as condições precárias de deslocamento desordenado e às pressas de milhares de indianos a partir da nova realidade instaurada pelo processo de independência da Índia do Império Britânico. Enquanto uns iam amontoados em transportes, outros seguiam a longa jornada

a pé com suas famílias e animais e com poucos mantimentos até chegarem a seus destinos: para os hinduístas, a “Nova Índia” – país que atualmente é reconhecido como a Índia, e, para os muçulmanos, o Paquistão. No caminho, alguns se perdiam e muitos morriam de fome. Estima-se que o caos dessa migração em massa, aliado aos confrontos entre muçumanos, hinduístas e sikhs, à época, tenha vitimizado cerca de um milhão de pessoas.

Ainda que muitos sejam os aspectos a serem explorados ao discorrer sobre *O último vice-rei*, a presente análise restringe-se às descrições apresentadas e às discussões decorrentes da expressividade das imagens selecionadas. Nas considerações finais, destacam-se alguns pontos elucidados ao longo do artigo a fim de exemplificar a compreensão em relação à coexistência das diferentes culturas e a alguns aspectos que refletem suas especificidades na narrativa fílmica em questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentadas as imagens e descrições, recortes contextualizados com enfoque na primeira parte da narrativa fílmica – que representa a Índia britânica ainda como uma unidade territorial, foi possível traçar algumas características das identidades hinduísta e muçulmana, bem como de suas relações, mediadas pela nobreza. *O último vice-rei* é, portanto, uma narrativa que enfatiza diferenças étnicas, consolidadas por meio da representação da cultura, com foco em um sistema secundário, qual seja, a religião.

Em primeiro lugar, evidencia-se a tentativa de homogeneização de hinduístas e muçulmanos por seus colonizadores que, no palácio, exigem padrões explícitos, principalmente pelo controle do comportamento e das vestes dos trabalhadores. Entretanto, longe de serem desprovidos de cultura, hinduístas e muçulmanos refletem suas particularidades nos corredores do palácio onde, frequentemente, emergem pequenos conflitos, que se manifestam

de maneira mais intensa para além dos muros do palácio, na pequena comunidade em que vivem os trabalhadores, e se multiplicam no restante do país. A intolerância entre muçulmanos e hinduístas justifica-se pela exaltação de suas diferenças, ainda que sejam iguais em sua condição de colonizados pelos britânicos. Mesmo sendo mútuo o tratamento hostil entre os dois povos, ele é mais acirrado por parte dos muçulmanos em diversas cenas em *O último vice-rei*.

Nesse sentido, é notável o romance de Kumar e Aalia, articulado não só como uma estratégia muito empregada em narrativas fílmicas para captar o espectador, mas como um meio para compreender as tensões entre essas identidades e para demonstrar algumas de suas singularidades. A representação desse envolvimento amoroso expressa, de um lado, a coragem do jovem hinduísta e, de outro, a insegurança de Aalia, que não quer decepcionar seu pai e se opor à religião muçulmana – é uma porta para refletir sobre as perspectivas essencialista e não essencialista de identidade. O romance reflete identidades em confronto. De um lado, está Aalia, uma jovem que luta contra seus próprios desejos para manter os costumes de sua tradição; de outro, está Kumar que, diferentemente da jovem, acredita na possibilidade de união – o que significaria a busca pela transformação e uma expressiva ruptura de sua tradição, segundo a qual hinduístas devem se unir matrimonialmente apenas com pares com crenças iguais às suas, assim como manda a tradição entre muçulmanos.

Essa representação, que reforça a intolerância por parte dos muçulmanos diante dos hinduístas, reitera a atenção especial exigida do leitor em relação ao emissor da narrativa fílmica. A história, narrada a partir da perspectiva da autointitulada “indiana de coração” Gurinder Chadha, além de direcionar o espectador para essa construção imagética dos muçulmanos, apresenta a família britânica em busca de uma proximidade com o povo indiano, com suas culturas, e preocupada, efetivamente, com a nova realidade

constituída após a independência. Tudo isso acontece sem que se omita a relação de poder estabelecida entre colonizados e colonizadores. Adverte-se, em vista disso, que o filme se trata de uma representação dos fatos e não dos fatos em si, portanto, é um discurso que deve ser recebido com criticidade, ainda mais por se tratar de uma produção que, em certa medida, como já citado, se utilizou de elementos para conferir verossimilhança. Por fim, entende-se que *O último vice-rei* é uma narrativa que transita entre ficção e realidade ou que está situada exatamente nessa fronteira, cuja interpretação depende de sua recepção.

REFERÊNCIAS

BENTZ, Ione. Cultura e comunicação: significados em trânsito. In: SILVA, Alexandre Rocha da; Nakagawa, Regiane Miranda de Oliveira (Orgs.). **Semiótica da Comunicação** [recurso eletrônico]. São Paulo: INTERCOM, 2013. 480 p.: il. – (Coleção GP'S: grupos de pesquisa; vol.10). p. 83-101.

BOSI, Alfredo. Colônia, culto e cultura. In: BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das letras, 1992. p.11-63.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968. Disponível em: http://www.kilombagem.net.br/wp-content/uploads/2015/07/Os_condenados_da_Terra-Frantz-Fanon.pdf. Acesso em: 02 de mai. 2022.

FELIPE, Delton Aparecido; TERUYA, Teresa Kazuko. A narrativa fílmica como prática cultural em sala de aula. **Revista Espaço Plural**, LOCAL, Vol. 16, n. 32, p. 100-119, 2015. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/12838>. Acesso em: 26 maio 2021.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Revista Educação e Realidade**, UFRGS, Porto Alegre, Vol. 22, n. 2, p. 15-46, 1997a. Disponível em:

file:///C:/Users/dthew/AppData/Local/Temp/71361-296141-1-PB.pdf. Acesso em: 27 fev. 2021.

HALL, Stuart. **The work of representation**. In: _____. Representation: cultural representations and signifying practices. London/TheLondon/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/The Open University, 1997b. (Trad. Ricardo Uebel).

KIRCHOF, Edgar Roberto. Yuri Lotman e Semiótica da Cultura. **Revista Práxis**, Novo Hamburgo, RS, v.2, p. 63-72, 2010. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/703/786>. Acesso em: 27 maio 2022.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 21. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2000. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B2--ueKoaHWmNjExZDBhN2MtZDFhNy00MmVhLWFiMDItMGFlNjhjNWE3OTZl/view>. Acesso em: 31 mai. 2020.

O ÚLTIMO VICE-REI. Gurinder Chadha. Índia: Reliance Entertainment, 2017. (106 min.).

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 7-72.

RECEBIDO EM: 31/05/2022

PARECER DADO EM: 15/08/2022